

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENÍNSULAR. 30 ANOS DE ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS, BOTICAS.

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos

Ano: 1984 | Número: 94

Como citar este documento:

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. 30 anos de escavações no Castro de Carvalhelhos, Boticas. *Revista de Guimarães*, 94 Jan.-Dez. 1984, p. 411-424.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

30 anos de escavações no Castro de Carvalhelhos (Boticas — Vila Real)

Por J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Prof. catedrático jubil. da F. C. da Univer. do Porto
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.
Bolsheiro do Inst. Nac. de Investigação Científica

A primeira Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos fez-se em 1952, mas já dois anos antes com alguns jovens, companheiros de hotel, remexemos o montão de pedras que marcava o alinhamento da muralha, e fomos encontrar alguns troços da sua base. No decorrer das escavações a partir dessas bases refizemos as muralhas com as pedras delas caídas e encontradas no montão, e também com outras muitas pedras espalhadas pelas ladeiras do monte e trazidas à padiola.

A primeira fase consistiu em remexer o montão, que marcava o alinhamento da muralha, e descobrir a base da mesma que em alguns sítios ia de 30 a 50 cm de altura, mas noutros ia por vezes a cerca de 1 metro.

Depois, com pedreiros hábeis no assentamento de pedra seca, isto é, sem interposição de argamassa, foi refazer a muralha nas faces interna e externa, e fazer o enchimento, arrumando entre as duas faces ou paramentos, as pedras, o cascalho e alguma terra.

MURALHAS

Em campanhas sucessivas foram-se refazendo as muralhas. Primeiro a 1.^a muralha que cerca o arredondado cimeiro, cujos diâmetros, cortando-se sensivelmente a meio, medem respectivamente 51 m e 42,50 m; depois a 2.^a muralha, na encosta do lado poente que pende sobre a ribeira, e corre paralela à muralha anterior; por último a muralha no fundo da encosta, junto e ao correr da ribeira, que descobrimos num comprimento de mais de 100 metros, e é muito mais estreita que qualquer das outras, que têm 2,50 m a 3 m de largura.

Com a pedra que foi possível achar refizeram-se as muralhas a alturas que vão, em média, de 1,50 m a 2 m. Em alguns sítios a 2,50 m.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

Sabe-se que muitas casas da aldeia de Carvalhelhos foram parcialmente feitas com pedra arrancada às muralhas e casas do castro.

Alguns lameiros da base do monte do castro, ao correr da ribeira, estão vedados por muros onde há pedras levadas das muralhas.

Em 1954, D. Francisco Gonzalez comunicou-me que um habitante de aldeia de Carvalhelhos, de nome Alexandre Alves, se metera a fazer uma casa, e que quatro carreiros ao serviço do mesmo, cada um com seu carro de bois, tinham ido ao castro buscar pedra e a tinham arrancado da muralha reconstruída e das casas redondas por nós descobertas e em parte isoladas.

Comuniquei superiormente o rapinamento das pedras e a vandálica destruição daquilo que com tanto gosto, carinho e despesa, tínhamos posto a descoberto e íamos procurando repôr na sua feição primitiva.

O Alexandre Alves foi processado pela Fazenda Pública.

Julgado em Chaves não foi condenado — como eu sugerira — a repôr as pedras de onde as tirara, pedras que, por vandalismo, estupidez ou maldade, rapinara do castro, imóvel de interesse público havia já três anos (Diário do Governo 2.^a série, Decreto n.º 38.941, de 6 de Novembro de 1951).

A impunidade é um incentivo para que os manhosos, sob a capa do «não sabia», do «não tinha conhecimento», vão fazendo destruições sucessivas de castros, de gravuras rupestres e dólmenes, como a cada passo vamos tendo conhecimento e comunicamos superiormente, sem que os destruidores tenham sido julgados e condenados; pelo menos não temos conhecimento de que tal justiça tenha sido feita.

Com a muita pedra que se sabe foi tirada das muralhas é de supor que a altura das mesmas fosse pelo menos a 4 metros. A largura do que resta das muralhas oscila entre 2 a 3,50 m.

RAMPAS DE ACESSO ÀS MURALHAS

Julgo ter sido a primeira vez que foram assinaladas rampas de acesso a muralhas de castros.

No pequeno Castro de Carvalhelhos foi descoberta a notável particularidade das suas rampas de acesso às muralhas, cuja existência, pelo menos em castros portugueses, não tinha conhecimento de ter sido assinalada.

Nas campanhas de 1956, 1957 e 1958 no prosseguimento da remoção das pedras derruídas para descobrir a base e alinhamento das muralhas, descobriram-se um total de 15 ou 16 destas rampas, 10 ou talvez 11 na 1.^a muralha, do recinto cimeiro, e 5 na 2.^a muralha.

Tanto quanto se pode ajuizar pelo que ainda foi possível encontrar íntegro e primitivo, o pendor das rampas é suave, permitindo subida fácil.

A existência de tantas rampas de acesso às muralhas leva a crer que a defesa estava prevista fazer-se de cima das muralhas.

A ser assim, é lícito supor que nas muralhas existisse uma espécie de parapeito que oferecesse aos defensores certas condições de protecção, quer na luta da escalada da muralha, luta de combate, por assim dizer, de corpo a corpo, quer na luta a distância, como lógico abrigo dos projecteis de arremesso.

Pode mesmo admitir-se a existência de parapeitos de diferentes alturas, uns mais altos e outros mais baixos. Aqueles constituindo uma espécie de postos de vigia por trás dos quais o corpo ficaria total ou quase totalmente escondido.

Os parapeitos mais baixos, com cerca de metro e meio de altura, dando pelo peito de um homem, permitiriam não só o alteamento da muralha pelo exterior, mas também que o ataque aos inimigos, que tentassem escalar a muralha, se fizesse, acutilando-os à espada ou vasando-os à lança, em condições de segurança e defesa incomparavelmente superiores àquelas em que tal defesa ocorresse em muralha sem resguardo ou parapeito.

Pode admitir-se a existência provável de um denticulado mais ou menos largo a todo o comprimento do parapeito, à maneira de ameias.

Em nosso parecer as rampas de acesso às muralhas levam a admitir, como lógica, a existência de parapeito.

De concreto fica a existência de muitas rampas de acesso às muralhas do Castro de Carvalhelhos, facto que constituiu uma novidade no vasto e importante capítulo da arquitectura castreja, onde tantos e tantos problemas aguardam solução.

CASAS

Puzeram-se a descoberto 11 casas. Sete no recinto cimeiro da 1.^a muralha, sendo 4 circulares e 3 rectangulares. Na vertente do lado leste, fora e a seguir à 1.^a muralha, mais 4; duas rectangulares, uma delas muito grande e duas circulares; destas uma grande com porta e vestíbulo em tenaz e outra, ao lado, pequena e sem porta.

As alturas das paredes das casas que se puderam refazer com as pedras junto delas caídas não foram a mais de 70 a 80 cm.

Entre a 1.^a e a 2.^a muralha, esta do lado poente na ladeira a pender sobre a ribeira, não se encontrou o menor vestígio de paredes de casas.

FOSSOS

A segunda linha de defesa é formada por fiadas de fossos, tripla na cumieira, por onde o cabeça do castro se liga ao monte sobranceiro, e dupla nas vertentes do lado nascente e do lado poente.

Escavamo-los sem neles ter encontrado mais do que terra e pedras, algumas de grande tamanho. As suas funduras são em média de 3 a 4 metros, mas em alguns sítios vão a 7 e 8 metros.

Há ainda um regueirão do lado sul que se nos afigura fosso incipiente. Começamos a estudá-lo na campanha de 1982. Convém fazer o seu desentulhamento pelo menos em dois ou três troços de 2 a 3 metros para se averiguar a fundura, que parece deve ser pequena.

PEDRAS FINCADAS

A terceira linha de defesa é formada pelo ouriçado de pedras fincadas, que em parte se conserva a bordejar o 3.º fosso, numa extensão de 15 a 20 metros de comprimento por cerca de 10 de largura, e também nos meões ou cristas de separação dos dois fossos da ladeira do lado poente.

É de admitir que as cristas de separação dos três fossos da cumeeira também tivessem um correr de pedras fincadas.

A altura das pedras fincadas é variável. Do que resta, as mais pequenas têm 25 a 30 cm e as mais altas 80 a 90 cm.

Foi a primeira vez que as pedras fincadas, tão frequentes nos castros do leste trasmontano, foram assinaladas tanto a ocidente.

Trabalhos depois feitos por nós nos castros de S. Vicente da Chã,ilhado na albufeira da barragem de Picote, concelho de Montalegre, no Castro da Curalha, concelho de Chaves e no de Sabrosa, também foram descobertas rampas de acesso às muralhas.

É de crer que as rampas de acesso às muralhas existam, se não em todos, talvez em quase todos os castros.

TESOURO DE 200 QUILOS DE CASSITERITE

Em 1965 quatro rapazes de Carvalhelhos descobriram na cova de um penedo na base da encosta do lado nascente, à parte de cima do caminho que leva aos lameiros, um montão de cassiterite que estava tapado com terra coberta de pedras.

Desenterrada a cassiterite e lavada apuraram-se 200 quilos, que os rapazes prontamente venderam por seis mil escudos.

Só consegui falar com um dos quatro rapazes que desenterraram e lavaram a cassiterite.

No dizer do meu informador na cova estava «escondido» aquele «estanho» «misturado com pedras brancas (quartzo); muito carvão; muitos cacos; alguns púcaros; pregos de ferro; muitas rodelinhas de barro com um furo no meio (cossoiros); uma grade de metal com as cabeceiras dum lado e do outro e os varais, tal e qual como uma grade de agradar a terra, mas pequenina, aí do comprimento de um dedo e da largura de dois dedos a par; dois ou três estribos de metal verde e outros pedacitos de metal».

Depois de largo inquérito, e com alguns embaraços à mistura, pois não queria sugestionar, parece poder concluir-se que os tais estribos eram arcos de fíbulas.

Os púcaros quebraram-nos, e tudo se perdeu.

Parece ter havido receio de dizer tudo quanto apareceu no esconderijo.

Constou-me vagamente que apareceram outros objectos de metal e algumas moedas, uma ou duas de prata.

Este achado permite afirmar que os habitantes do castro de Carvalhelhos seriam hábeis mineiros que exploraram a cassiterite, bom minério de estanho, no grande fosso da Agróvia que fica no alto sobranceiro ao castro e que tem 80 a 100 metros de diâmetro por 20 a 25 de fundura.

Logo por cima das últimas casas da aldeia de Carvalhelhos fica o fojo das Corgas um pouco menor, com os seus 70 a 80 m de boca e 7 ou 8 de profundidade, quando muito.

No alto do Coto, além do da Agróvia, na vertente do lado nascente da aldeia do Carvalho havia outros dois fojos menores.

Estes 200 quilos de cassiterite, verdadeiro tesouro, interpretei-os como um esconderijo feito pelos castrejos na eminência de um ataque, possivelmente dos romanos.

Estes devem ter forçado os castrejos a aluir as muralhas e a aterrar os fossos.

No desentulhamento do primeiro fosso foram encontradas bastantes pedras de granito com face picotada, que, sem a menor dúvida, eram pedras que pertenceram à face externa da muralha.

ESCÓRIAS

Foi abundante a colheita de escórias sobretudo no recinto cimeiro e na encosta do lado nascente.

O Prof. Herculano de Carvalho, catedrático de Química do Instituto Superior Técnico de Lisboa, que foi ilustre Reitor da Universidade Técnica, a meu pedido fez a análise química das escórias que considerou como de extração de estanho.

As escórias foram depois pormenorizadamente estudadas pelo Prof. Horácio Maia e Costa, catedrático de Metalurgia na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Este distinto Professor que foi Vice-Reitor da Universidade do Porto, no seu trabalho *Notas sobre escórias encontradas no Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia, Fasc. 1-2, Vol. XX, Porto, 1966, págs. 173-180, e 7 Figs., faz eruditas considerações quanto à perícia dos castrejos de Carvalhelhos, chegando à conclusão que eles para a extração do estanho do minério cassiterite usaram como fundente a hematite ou a limonite e atingiram temperaturas superiores a 1300 graus.

ESPÓLIO

Nas escavações que tivemos ensejo de fazer o espólio recolhido foi escasso e dele fomos dando notícia nos relatórios de cada ano de escavações.

Além de bastantes fragmentos, quase todos muito pequenos, de cerâmica micácea tipicamente castreja, e da relativa abundância de escórias e de carvão, foi muito pouco o que se conseguiu colher na crivagem da terra.

De metal: uma fíbula de bronze reduzida ao arco, ornamentado por salientes encordoados e dupla fiada de pequenas granulações esferoidais, fíbula do tipo que José Fortes no trabalho *As fíbulas do noroeste Peninsular*, in «Portugalia», T. II. Porto, 1905-1908, págs. 15 a 33 e fig. 38, designou «de charneira curta e pé com botão terminal»; duas fivelas de bronze, uma de aro circular ou em ómega, em lâmina, com os extremos sobrepostos, e nela cravejada a argola onde gira a base do fusilhão; a outra fivela é de aro circular mais grosso no meio e adelgaçado para as extremidades, que são reviradas e terminam por dilatações ornamentadas por sulcos paralelos; o fusilhão tem na base um orifício circular por onde corre ao longo do aro, este tipo de fivela, muito vulgar em estações luso-romanas, é considerado do período da plena romanização, que subsiste, pelo menos, até ao séc. IV depois de Cristo; um pendente de chapa de bronze, em espátula, com orifício de suspensão e o cabo curto terminado por remate trifoliado em flor de lis; duas moedas de bronze, ases de Tibério; e um denário de prata de Augusto.

Também de prata, ao cirandar a terra da vertente do lado nascente apareceu um pequeno disco de prata, quase circular com os diâmetros de 11 x 12 mm e o peso de 17 dg. Trata-se provavelmente de um valor monetário.

Além destas moedas diz-se terem aparecido outras moedas romanas, das quais algumas de prata. Uma delas, de bronze, foi oferecida ao Dr. Couto Soares, que, por sua vez, a ofereceu ao Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

De ferro alguns pedaços incaracterísticos e uma folha de lança muito corroída pela ferrugem.

De vidro uma conta cilindroide com 9 mm de comprimento por 5,5 mm de maior diâmetro, com dois estrangulamentos nos topos. É lindamente dourada, translúcida, com irisações refulgentes à incidência directa do sol. O amarelo dourado parece estar incorporado na massa vítrea. Outra conta, esta esferoidal de vidro azul e opaca.

Cumpre realçar que no desentulhamento dos fossos sempre se encontrou apenas terra e pedras, algumas de grande tamanho, e nada de interesse arqueológico, nem sequer um singelo caco ou pedaço de escória

O entulhamento dos fossos é de crer tenha sido feito intencionalmente para neutralizar aquela linha de defesa.

Além dos problemas, e não são poucos, que subsistem quanto a certas particularidades das estruturas arquitectónicas dos castros em geral, com o desentulhamento dos fossos surge um problema.

Como se faria a passagem dos fossos, com 4 a 6 metros de fundura por outros tantos de largura, que se abrem frente ao portelo rasgado na 2.^a muralha no sítio onde esta encontra a 1.^a muralha e antecede a sua larga porta?

Há ainda o problema da porta da água que não foi encontrada. Afigura-se que deveria ser ao fundo da 2.^a muralha que ali foi totalmente destruída. Não se encontrou o alicerce ou base do tramo que a devia ligar à muralha fundeira, que corre paralela à ribeira.

É de supor que no tramo em falta haveria a porta da água.

De qualquer modo os trabalhos feitos em 30 anos consecutivos permitiram refazer as suas muralhas, tanto quanto é possível supor, na sua pureza primitiva, e pôr a descoberto certas particularidades de marcado interesse arqueológico, porquanto não sabemos que tenham sido assinaladas em outro ou outros castros.

Por último não quero deixar de, mais uma vez, agradecer a todos aqueles que concederam subsídios e ajudas para os trabalhos de restauro e conservação do castro, bem como para publicação dos relatórios das 30 campanhas, e foram: A Empresa das Águas de Carvalhelhos, primeiro por D. Francisco Gonzalez e depois pela actual Administração da mesma, o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Univ. do Porto, o Ministério das Obras Públicas pela Direcção dos Monumentos Nacionais, o Instituto de Alta Cultura, a Direcção-Geral do Ensino Superior, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Câmara Municipal de Boticas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
21 de Maio de 1982



Fig. 1 — Casas no topo cimeiro do Castro de Carvalhos

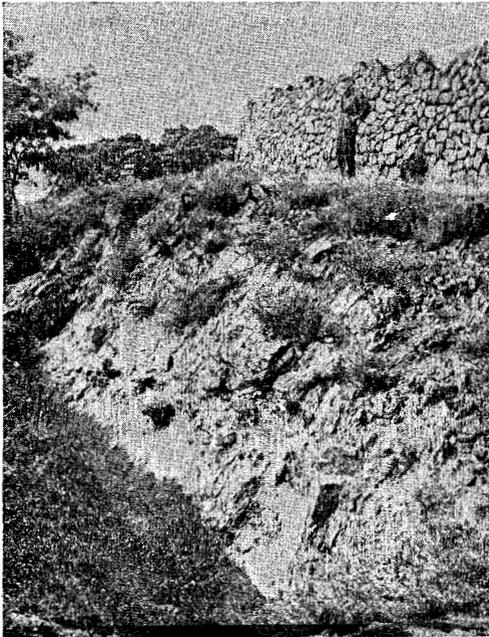


Fig. 2 — Talude, lado N. do 1.º fosso. No alto face da 1.ª muralha e a seguir o início da 2.ª muralha com portelo que dá passagem para a porta aberta na 1.ª muralha

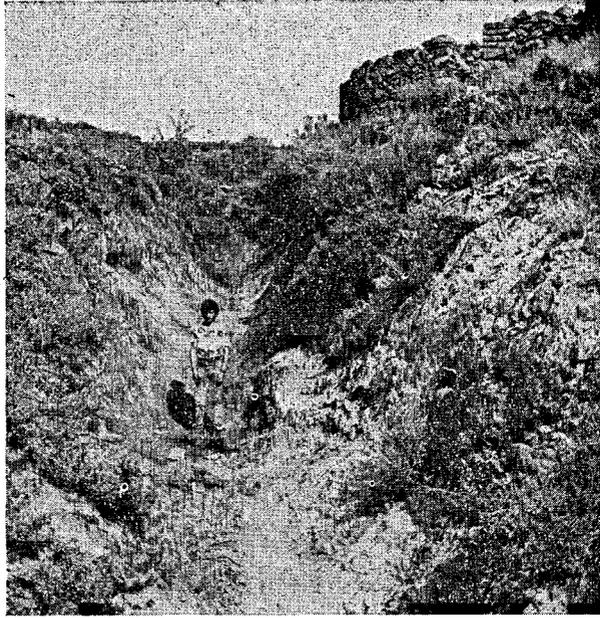


Fig. 3 — O 1.º fosso depois de desentulhado. No alto vê-se o início da 2.ª muralha e o seu portelo

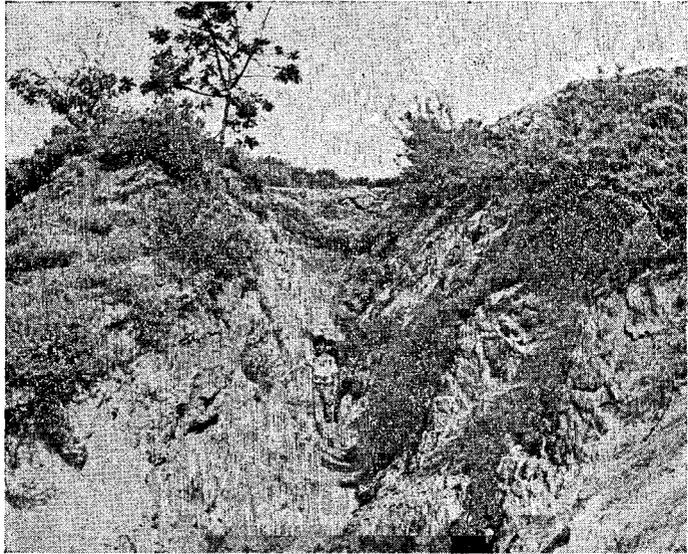


Fig. 4 — O 2.º fosso depois de desentulhado. À esquerda o meão ou crista de separação do 3.º fosso



Fig. 5 — Uma porção do ouriçado de pedras ficadas por fora do 3.º fosso. Em face dos restos que ainda existem, é admissível calcular que tal ouriçado teria pelo menos 25 m. de comprimento por 10 de largura

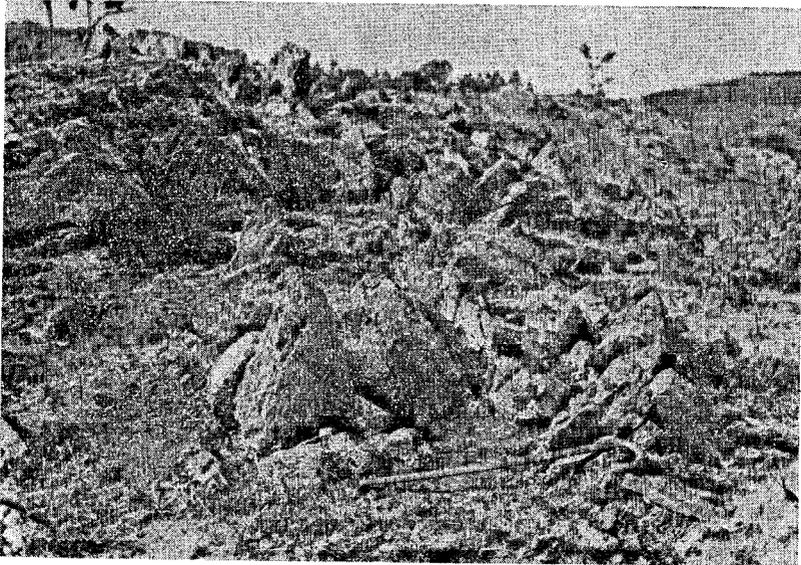


Fig. 6 — Pedras ficadas da ladeira do lado poente

TRABALHOS PUBLICADOS SOBRE O CASTRO DE CARVALHELHOS

- O CASTRO DE CARVALHELHOS, por J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos da Etnologia Peninsular, Vol. XVI, Porto, 1958, págs. 25-62 e 29 Figs.
- RAMPAS DE ACESSO ÀS MURALHAS DO CASTRO DE CARVALHELHOS, por idem, in «Boletim de la Comission de Monumentos de Orense», T. XX, Orense, 1959-1960, 8 págs. e 4 Figs.
- ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS — CAMPANHA DE 1963, por idem, in «Trabalhos de Antrop. e Etnol.», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia. Fasc. 2.º, Vol. 19, Porto, 1963, págs. 187-193 e 3 Figs.
- ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS — CAMPANHA DE 1964, por idem, in id. id., Fasc. 3 e 4, Vol. 19, Porto, 1964, págs. 360-365 e 8 Figs.
- NOTA SOBRE AS ESCÓRIAS ENCONTRADAS NO CASTRO DE CARVALHELHOS, por Eng.º Horácio Maia e Costa, actual Prof. de Metalurgia na Fac. de Engenharia da Univ. do Porto, in id. id., Fasc. 1 e 2, Vol. 20, Porto 1966, págs. 173-180 e 7 Figs.
- DUAS CAMPANHAS DE ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS 1965-1966, por J. R. dos Santos Júnior, in id. id., Fasc. 1 e 2, Vol. 20, Porto, 1966, págs. 181-190 e 9 Figs.
- ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS — CAMPANHA DE 1970, por id, in id, id., Fasc. I, Vol. 22, Porto, 1971, 6 págs. e 4 Figs.
- CASTROS WITH «pedras fincadas» IN TRÁS-OS-MONTES, por Peter Harbison, (Dublin — Irlanda), in «Trabalhos de Antrop. e Etnol.», Fasc. 3-4, Vol. 20, Porto, 1968, págs. 385-389 e 3 Figs. O autor arqueólogo irlandês, que esteve comigo em Carvalhelhos, neste seu trabalho, considera o Castro de Carvalhelhos «The best known example of the use of «pedras fincadas» in the Portugal».
- AS NOTÁVEIS CONDIÇÕES DE DEFESA DO CASTRO DE CARVALHELHOS, por id., in id. id., fasc. 3, Vol. 22, Porto, 1973, págs. 207-219 e 2 Figs. Este trabalho foi apresentado e discutido no Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja realizado na Estalagem da Empresa das Águas de Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro de 1972.
- CASTRO DE CARVALHELHOS — CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES EM AGOSTO DE 1975, por id., in id. id., Fasc. 4.º, Vol. 22, págs. 559-566 e 4 Figs.
- CASTRO DE CARVALHELHOS — CAMPANHA DE 1976, por id, in id. id., Fasc. I, Vol. 23, Porto, 1977, págs. 161-167 e 2 Figs.
- 27.ª CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS—1977, por id., in id. id., Fasc. 2 e 3, Vol. 23, Porto 1978, págs. 323-333 e 16 Figs.
- 28.ª CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS—1979, por id, in id. id. Fasc. 4, Vol. 23, Porto, 1980, pág. 607-619 e 8 Figs.
- 29.ª CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS—1980, por id., in id. id., fasc. I. Vol. 24, Porto, 1981, págs. 140-147 e 8 Figs.

30.^a CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE CARVALHELHOS—1981, por Santos Júnior, em publicação no Fasc. 2, Vol. 24 dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Pode ainda indicar-se o trabalho O COLÓQUIO LUSO-ESPANHOL DE CULTURA CASTREJA EM CARVALHELHOS, por Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. I, Vol. 22, Porto, 1973, págs. 1-22 e 17 Figs.

! O Colóquio decorreu de 4 a 11 de Outubro de 1972 e nele participaram 7 arqueólogos espanhóis e 9 portugueses do noroeste peninsular, que se têm dedicado ao estudo dos castros peninsulares e da Cultura Castreja.